



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

KRISCIA DOS SANTOS SIQUEIRA ARAGÃO

**EDUCAÇÃO ESCOLAR: INTERFACE ENTRE A LITERATURA
INFANTOJUVENIL E A LEITURA NO ENSINO REMOTO**

CAMPINA GRANDE

2021

KRISCIA DOS SANTOS SIQUEIRA ARAGÃO

**EDUCAÇÃO ESCOLAR: INTERFACE ENTRE A LITERATURA
INFANTOJUVENIL E A LEITURA NO ENSINO REMOTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A659e Aragão, Kriscia dos Santos Siqueira.
Educação escolar [manuscrito] : interface entre a literatura infantojuvenil e a leitura no ensino remoto / Kriscia dos Santos Siqueira Aragão. - 2021.
55 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Literatura infantojuvenil. 2. Leitura. 3. Educação escolar.
4. Formação de leitor. I. Título

21. ed. CDD 372.6

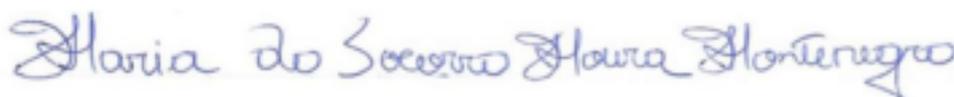
KRISCIA DOS SANTOS SIQUEIRA ARAGÃO

**EDUCAÇÃO ESCOLAR: INTERFACE ENTRE A LITERATURA
INFANTOJUVENIL E A LEITURA NO ENSINO REMOTO**

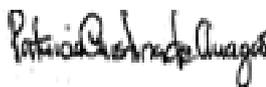
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar.

Aprovada em: 10/11/2021

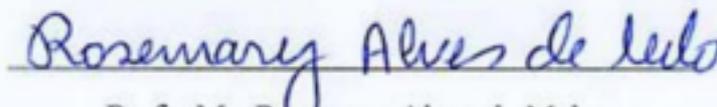
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ms. Rosemary Alves de Melo

Prof.^a Ma. Rosemary Alves de Melo (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus pelo dom da vida e pelos presentes que Ele tem proporcionado a cada dia.

A minha mãe Maria Lina em especial, aos meus filhos Ester e Emanuel e ao meu companheiro Rodolfo por me proporcionar ser uma pessoa forte e única. Meu carinho e gratidão se estende a todos da minha família pelo companheirismo, amor e dedicação sempre depositados em mim.

A orientadora e professora Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro pela dedicação, atenção e colaboração na realização de trabalho. Por tamanha ajuda e disponibilidade durante o curso e sua orientação na construção desse projeto.

Aos professores da especialização o meu carinho e agradecimento, também aos amigos e colaboradores durante o percurso do curso e dos anos em formação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo!

A orientadora e professora Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.

Aos demais professores do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar.

A minha mãe Maria Lina, meu pai Ronaldo e meus irmãos Karen, Júnior e Rommel.

Aos meus filhos Ester e Emanuel por serem tão presentes e motivos para prosseguir a cada dia da minha vida.

A Rodolfo por sua atenção, dedicação e companheirismo a mim. Por ter correspondido e me apoiado nos dias mais difíceis e árduos para que esse sonho se tornasse realidade. Em meio a cada passo e cada dia que foram vivenciados e percorridos. Meu muito obrigado.

As professoras e colaboradoras desta pesquisa por tantas informações e conhecimentos informados na construção deste estudo.

A Maria do Livramento (Lena) uma amiga que a especialização me concedeu para manter essa amizade para a vida toda. Obrigada por sua tamanha ajuda e contribuições para nossa vida e amizade.

O melhor agradecimento não passa pelas palavras, mas sim pelas ações.

“É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real”.
(Magda Soares)

RESUMO

Este estudo aborda discussões acerca da leitura de Literatura Infantojuvenil, pela mediação do professor, despertando na criança e jovem um comportamento leitor. Nesta perspectiva, elencamos como objetivo geral, refletir sobre como ocorre o ensino de Literatura Infantil no contexto da Educação Escolar no Ensino Remoto. Tendo como objetivos específicos, verificar a metodologia utilizada pelos professores para que as crianças fizessem uso dos livros/leitura no ensino remoto; saber quais os recursos que contribuem para a participação ativa na leitura, de modo que possa permitir o desenvolvimento do leitor. Nesse sentido, sabemos que o ensino da literatura é de suma importância para que o sujeito possa se desenvolver, em todos os sentidos. A metodologia desse estudo se centra numa pesquisa qualitativa, por meio de um questionário, com perguntas abertas, através de entrevista online individual, aplicado a 3 (três) professores(as) do ciclo de alfabetização, numa escola da rede pública municipal, na cidade de Campina Grande – PB. Com isso, pretendemos, neste trabalho, apresentar os resultados, com vistas as relevantes contribuições e melhorias em uma abordagem qualitativa. A partir dos dados analisados, percebemos que o professor utiliza a Literatura Infantojuvenil, de forma objetiva e sistemática em suas práticas de ensino e que as literaturas impressas ou em PDF (Formato de Documento Portátil) estão sempre presentes no cotidiano do professor e, em suas salas de aula remotas e em suas atividades diárias ou semanais. Vale salientar que nos ancoramos nos estudos de Cademartori (2012);

Palavras-Chave: Ciclo de alfabetização. Leitor. Pesquisa qualitativa. Rede pública.

ABSTRACT

This study approaches discussions about Reading Literature, through the mediation of the teacher, awakening in children and young people a reading behavior. From this perspective, we listed as a general objective, to reflect on how the teaching of children's Literature takes place in the context of School Education in Remote. Having as specific objectives, to verify the methodology used by the teachers for children to make use of books/reading during the remote education times; know which resources contribute to active participation in reading, so that it can allow the reader's development. Like this, we know that the teaching of Literature is of paramount importance so that the subject can develop it in all senses. The methodology of this study focuses on qualitative research, through a questionnaire, with open questions, through individual online interviews, applied to 3 (three) teachers from the literacy circle, Teaching in a public municipal school, in the city of Campina Grande – Paraíba. This way, we intend, through this work, to present the results, with a view to the relevant contributions and improvements in a qualitative approach. From the analyzed data, we realized that the teacher uses Children and Youth Literature objectively and systematically in their teaching practices and that printed or PDF (Portable Document Format) literature is Always present in the teacher's daily life, in their remote classrooms and in their daily or weekly activities. It is noteworthy that we anchored in studies by Cademartori (2012);

Keywords: Literacy cycle. Reader. Qualitative research. Public network.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa	36
Tabela 2: Situação quanto ao ensino	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Literatura Infanto-Juvenil.....	39
Quadro 2. Dificuldades no Ensino Remoto.....	41
Quadro 3. Dificuldade de Aprendizagem.....	42
Quadro 4. Ação Pedagógica.....	43
Quadro 5. Metodologia e Processo de Leitura de Literatura.....	44
Quadro 6. Desenvolvimento Cognitivo e Literaturas Infanto-Juvenil.....	45
Quadro 7. Tipos de formatos de arquivos no Ensino da Literatura.....	46
Quadro 8. Contribuições dos Entrevistados.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1 Literatura Infantil	14
2.2 Leitura	20
2.3 Educação Escolar e o Ensino Remoto	25
3 METODOLOGIA	32
3.1 Contextualização da Pesquisa	33
3.2 Contextualização do Ambiente Escolar e o uso de mídias e recursos tecnológicos(TICs)	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
5 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM PROFESSORES(AS) DE ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS DE ENSINO	52

1 INTRODUÇÃO

Para a realização desta investigação, centralizamos nossas ideias, sobretudo, no pensamento de que certos ou não, a Educação Escolar, é por excelência o lugar onde se dá a formação e continuidade na construção do indivíduo leitor. Visto que esse espaço ocupa uma esfera privilegiada de acesso à leitura. Pois, segundo Ligia Cademartori (2012, p. 22) “o professor ensina cada um a perceber que tem uma voz própria, uma singularidade, e que esse é um dom especial, que ninguém poderá jamais tirar”. Nesse sentido, cabe ao professor oportunizar ao aluno: o ouvir e a introspecção que o aluno possui, quanto à subjetividade e pensamento crítico, tornando-o um sujeito-leitor.

Dando continuidade às reflexões sobre a importância da leitura/livro, não podemos perder de vista que, ao nosso ver, o livro é sim, a representatividade física, que se materializa no contato com o indivíduo. De maneira, que mesmo em falta ou ausência física o livro permite sua autoafirmação com o próprio mundo, enquanto o ser leitor é preexistente, tornando-o um ser social e intencional em todas as esferas existenciais. Como afirma Proust (1995, p.184) em sua frase: “cada leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo”.

Embora vivemos em uma sociedade cada vez mais complexa. Há mudanças e alternâncias constantes e significações, refletidas na sociedade. E mantendo as interações e o envolvimento do homem, como ser social, sobrevivência e permanência no mundo. O uso veemente das novas tecnologias e a pesquisa por conhecimento. Imprime nos indivíduos a precisão de adaptabilidade, criticidade e criatividade, capacidade para a inovação e abertura ao novo. Esse reflexo traz consigo incrementos para uma sociedade “vestida” de informação, inserida em mundo cada vez moderno trazendo contribuições relevantes, presente em nossa vida e na vida dos mediadores de leitura (professores, bibliotecários, animadores culturais, pais) e todos os que se interessam pelo assunto.

No nosso dia a dia, nos deparamos com a leitura motivada por diversas situações: informações importantes (meios de comunicação, redes sociais, textos instrucionais etc.), obrigação, prazer ou para passar o tempo. Podemos afirmar então, que ler é uma prática que também auxilia na formação intelectual e consequentemente social do ser humano.

A escolha deste tema surgiu, a partir da minha formação acadêmica e do meu percurso e permanência na sala de aula. Partindo do pressuposto de que, cada sala de aula abriga um docente e por meio dele, uma turma de alunos que busca se apropriar de conhecimentos.

Sabendo que o aprendizado permite influenciar o comportamento significativo e a autodescoberta, o autoaprendizado de cada pessoa. De maneira, que este autoaprendizado parte do ponto de que a apropriação e assimilação ocorre por meio da experiência e, não por meio de transmissão de conhecimentos, este criticado na educação bancária, expressa nas palavras de Paulo Freire.

Um docente motivado, motiva também o educando e o leva a realizar descobertas. Vale dizer que os docentes objetivistas são os que se orientam pelas necessidades exteriores do educando, como a aquisição de conhecimentos “úteis”, formas de obtenção de papéis sociais, com o emprego de técnicas controladoras e avaliadores, receitas e regras do tipo “quando ocorrer isso, faça assim, que dará certo”. Já os subjetivistas são os docentes que consideram os aprendizes como indivíduos, possuidores de personalidade própria, consciência, criatividade, em busca de crescimento autorrealização. (MASLOW, 1975)

Levando em consideração a necessidade de verificar as práticas, atuações e interferências feitas pelo docente com uso da literatura, como auxílio: do livro/objeto e das ferramentas digitais dos dias atuais. O que se faz necessário para desenvolver seus objetivos de ensino e aprendizagem na sala de aula? Tem sido a autoavaliação e adequação em suas mediações e propostas lançadas de acordo com os levantamentos e diagnósticos realizados com os discentes durante a série-ano?

Nosso primeiro contato com a leitura acontece por volta dos sete anos de idade, podendo acontecer antes mesmo desse período, embora visualmente consigamos caracterizá-lo esse acontecimento no primeiro ano do ensino fundamental e nesse contexto compreendemos que o contato com os livros acontece pelo envolvimento e apresentação por meio da leitura e oralidade através das ações que o docente ou interlocutor viabiliza no âmbito escolar por meio do ensino e interações-leitoras com os alunos.

Partindo da nossa própria atuação e vivência em sala de aula, podemos perceber que a leitura permite não só o hábito, mas a caracterização de um indivíduo-leitor que direciona ao um ser integrador na construção e persuasão do indivíduo pensante, participativo e operante em suas decisões.

Os desafios são vários e permanentes quanto ao enfrentamento, evolução na busca pelo aprimoramento no processo de leitura e adequação leitora. Fazendo-se necessário um engajamento, planejamento e metodologias ativas que permitam avanços significativos. Que possam contribuir para uma melhor adequação do docente e discente mutuamente, em suas trocas diárias.

Nesse contexto, buscamos refletir e trazer contribuições e discussões que tornem essas trocas eficazes à aprendizagem. O despertar e os novos formatos de ensino, fez com que o formador continue em busca de atualizações, leitura e pesquisa via uma mão dupla para facilitar e aprimorar o uso das novas tecnologias em consonância com um ensino sólido e eficaz.

Ao trabalhar com textos desde os anos iniciais da educação básica, observamos em nossas escolas, salvo raras exceções, que os estudos fragmentados em resumidos textos, pode gerar ideias deturpadas no seu sentido original, bem como a obra completa. O fim geralmente é o uso do texto para assimilação de conteúdos de gramática e ortografia. Sendo esses conteúdos meramente instrucionais, excluindo-se a percepção sobre o uso estético da linguagem e os recursos da expressão da norma culta. Sobre isso, Zilberman (1998, p.30) afirma que o texto sugerido nos livros didáticos, vem sempre acompanhado de exercícios de análise.

Considerando a leitura como uma das práticas fundamentais para o “bom” desenvolvimento dos indivíduos, podemos afirmar que principalmente na infância, o objetivo dessa prática permite proporcionar na vida adulta um hábito que deve ser incentivado e desempenhado desde a infância.

O presente trabalho vem caracterizar e discutir algumas ações e atividades desenvolvidas na escola, apontando um norte, que desencadeará um enveredamento para as possibilidades e desenvolturas realizadas pelo docente durante suas aulas remotas no ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A partir deste posicionamento destacamos como objetivo geral desse estudo: a reflexão sobre como ocorre o Ensino de Literatura no contexto da Educação Escolar no Ensino Remoto numa escola da rede pública municipal, na cidade de Campina Grande – PB. Tendo como objetivos específicos: verificar a metodologia utilizada para que as crianças fizessem uso dos livros/leitura no ensino remoto; saber quais os recursos que contribuem para a participação ativa na leitura, de modo que possa permitir o desenvolvimento do leitor.

Desse modo, esperamos que a pesquisa contribua de maneira significativa como uma fonte de pesquisa para ajudar a superar possíveis dificuldades em relação ao desenvolvimento e ao gosto pela leitura de literatura. Trazendo também, um entendimento de que a mediação na sala de aula é fundamental na execução do trabalho pedagógico.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Literatura Infantil

No âmbito das conceituações e de seu entrelaçamento, a palavra *literatura* foi durante muito tempo usada em um sentido distinto do atual. De acordo com a palavra latina *littera*, tendo por significado “letra”. Que correspondia à arte de escrever e de ler.

E tendo, esse significado percorrido até o século XVIII, marco histórico para esse século é a preocupação com uma leitura que serviria à infância. Também foi nesse período que ocorreu a afirmação acerca da infância. Necessidade essa que colocava a centralização na criança, onde precisava ser alfabetizada, formada e educada. E no século XIX, surge a necessidade de compreender que a criança precisava de atenção e um discurso específico em torno dela. Trazendo consigo um papel importante para a consolidação da Literatura Infanto-Juvenil, de maneira a compreender que as narrativas estavam e sempre estiveram junto com o homem, mas que a concepção de texto para a criança surgiu em um determinado momento da história e ela é bem recente. Isso graças ao lançamento de publicações que se tornaram clássicos, como: Alice no País das Maravilhas, Pinóquio, João Felpudo e Juca e Chico: histórias de dois meninos em sete travessuras.

Já o século XX, trouxe consigo a visão mais apurada da qualidade específica de ser criança ou adolescente. Surgiram os livros de caráter didático com o objetivo claro de preparar crianças e jovens para a sua inserção na sociedade. De maneira que, a literatura infantojuvenil tem algo em torno de cem anos – o que, vamos e venhamos, representa pouco, em termos históricos.

É como se estivéssemos dando os primeiros passos, caindo e se levantando, aprendendo com os erros e acertos, tentando criar algo significativo com base em contextos, vivências, histórias de cada país, região, autor. Também foram inauguradas as primeiras bibliotecas infantis do mundo. Dando início a definição de critérios e escolhas na seleção de livros e a origem dos primeiros estudos acerca da literatura infantojuvenil.

Para começar, temos que refletir como o homem usou e usa de narrativas para desenvolver, indicar, construir e se manter na história. Se percebermos que a contação de história sempre foi usada para relatar as suas origens e suas transformações. Onde compreendemos que a tradição oral mesmo antes da tradição escrita, já servia para que uma geração passe para outra determinados conhecimentos, através do senso comum desenvolvendo no ser humano um saber. Para Lakatos e Marconi (1986. p.18), o senso comum, também

denominado conhecimento vulgar ou popular, é um modo corrente e espontâneo de conhecer que “não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que os diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do conhecer”.

O uso da linguagem oral, vem fortalecer e dar significado a veracidade que a literatura infantojuvenil passa a existir com base nos valores que os adultos desejam transmitir às crianças. E muitas dessas produções são moldadas com base em conteúdo, debates e discussões determinados pela escola. Como nos afirma Gramsci, 1999:

Conhece-te a ti mesmo, quer dizer, ser si próprio, quer dizer, ser patrão de si mesmo. Distingue-se sair do caos, ser um elemento de ordem e de sua própria disciplina e não se pode obter isso se não se conhece também os outros, a sua história, a sucessão dos esforços que realizaram para serem aquilo que são, para criarem a civilização que criaram, e a qual queremos substituir à nossa. (GRAMSCI, 1999, P.94).

A manutenção das tradições de um povo é pelas histórias que se conta, passando a existir historicamente e a permanecer existindo até os nossos dias. As narrativas contam as histórias da humanidade, com intenções explícitas de determinar e denunciar suas necessidades. Fazendo necessário conhecer as tradições para compreender um povo e construir novos conhecimentos, através de novas civilizações. A troca de conhecimento já funcionava com a tradição oral e com o advento da escrita potencializou-se muito mais, porque a escrita vem possibilitar o registro e o acervo físico.

Então, as histórias antes contadas, com o advento da escrita, elas se mortalizam. Houve a possibilidade de gerações, muito tempo depois, reconhecerem essas histórias. Anteriormente eram passadas para determinar comportamento de povos, para compreender tecnologias, compreender tradições, até que um determinado momento surge o que vamos chamar de Literatura Infantil.

E a Literatura Infantil se distinguiu das demais literaturas, porque ela chega com um público recortado, extremamente bem definido. Que faz com que essa literatura possua uma linguagem própria, uma maneira propícia de se escrever e uma intencionalidade na comunicação com o público. Já se sabe quem vai ler. De maneira que esse percurso chega na literatura infantojuvenil pensada para crianças e jovens, e ao público adulto. Embora ocorra muitas coisas durante esse período e adequações no que se refere ao formato e objetivos vista pelo autor da obra.

Com o processo da escrita por volta de 3.500 a.C., que relatam os registros cotidianos, econômicos e políticos da época, eles eram feitos na argila, com símbolos formados por cones. Tornando possível a literatura, vale ressaltar que a literatura e a escrita não são sinônimas e que os primeiros registros da humanidade não são de literatura.

Muitas histórias e contos se expandiram de maneira oral durante séculos antes de serem escritos. Isso implica dizer que não podemos determinar em qual período é essa literatura narrativa oral.

A literatura passou por muitos movimentos até chegar à literatura que temos hoje, uma literatura contemporânea. A literatura com frequência, representa aquele que lê como uma figura e nos enquadrada que as demais, sujeito não exatamente acomodado. (CADEMARTORI, 2009. p.24). Ao ler você se vê viajando e se colocando no lugar de quem escreve.

Ao irmos a uma livraria infantil, apreciamos livros de texturas, livros de músicas, livros com relevo, de maneira que as histórias são contadas e que muda de ano para ano. Todos vêm se adaptando e reconhecendo o conceito de infância e melhorando-o de tempos em tempos. Mas, antes do século XVII, não existia essa concepção de criança, ela só vai surgir lá no classicismo francês. Onde identificamos que, por volta do século XVII, não vamos ter um livro feito para crianças.

Isso só vai acontecer com François Fénelon, cujo desafio foi o de educar o caráter de um futuro rei da França. A partir dos registros escritos, vamos ter na história pela primeira vez, textos montados para crianças. Todavia, percebemos que há uma afirmação para que ocorra a existência dessa nova concepção que vamos chamar de: família.

Até a idade moderna tínhamos a família clã, a família numa concepção maior. No desenvolvimento, da idade moderna até chegar à idade contemporânea vamos ter um núcleo familiar pequeno, cuja necessidade permeia o afeto e a privacidade. Esse núcleo familiar então, tem que se preocupar com os seus, quanto aos costumes e moralidade. Essa nova concepção de família, ela pensa na criança, de uma maneira que não vinha sendo pensada. Com isso, as crianças passaram a frequentar a escola, embora naquela época as escolas não eram pesadas em prol delas. Frequentavam a escola dos adultos, escolas precárias, raras e sim escolas eclesíásticas, onde a intenção era formar indivíduos clérigos (membros das igrejas) ou escolas de estudos livres, que tinha por intenção alfabetizar, onde os conhecimentos não oportunizam o currículo, como acontece hoje no pós-modernismo.

Antes, era muito restrito a educação escolar, sem dar abertura para que o professor pudesse mudar, porque não existia naquela época uma concepção pedagógica, mas, sim, o que

era percebido por todos era a existência de armazéns, salas gigantes para ensinar a alfabetizar os adultos e as crianças de forma igualitária, de maneira que o desenvolvimento infantil é um processo gradativo. Possuem várias fases. Cada criança é um ser único, por isso é preciso respeitar o seu tempo e suas necessidades. O excesso ou a falta de estímulos podem interferir nesse processo, levando a dificuldades futuras.

No século XV, falar de sentimento de criança não se pensava. Agora entre os séculos XVII e XVIII, com a ideia ultrapassada de moralizar pela literatura, veio a ideia de refletir, de trazer diferentes sentimentos pelo texto. É importante, então, pensar que as crianças sentem, agora as crianças são restritas, ou seja o pensar e o falar das crianças passam pelo filtro de um adulto, antes não era visto com cuidado.

O Classicismo Francês, é quem traz os primeiros grandes contadores de história para o público infantil, dentre eles: As Aventuras de Telêmaco, do Fénelon. As Fábulas de La Fontaine e os Contos da Mamãe Gansa de Charles Pierro. Este último, o pai da Literatura Infantil, ou seja, o primeiro a esquematizar o formato de fábula, denominando regras e maneiras de se escrever e assim por diante. De maneira que a fábula, vem potencializar a característica de ser “moralista”, o texto infantil vem determinando comportamentos das crianças. Com a nova maneira de pensar, vem a Nova Escola. A educação da criança passa a ser a de preparar essa criança para a vida.

É importante entender de onde eles se inspiravam se as histórias já eram contadas para as crianças, mas que inspiram Charles Pierro, ele vai ter acesso ao imenso acervo que por muitos é conhecido como as Fábulas de Freado, ou melhor Fábulas de Esopo. Esopo viveu no século VI a.C. Ele era um escravo grego, onde contava milhares e milhares de histórias. Escrevendo o que vê e ouve no meio oral. De maneira que utilizamos até os dias de hoje, em uma linguagem mais acessível e por se tratar de literaturas que permeiam a contemporaneidade da Literatura Infantil.

Segundo Maria Antonieta Antunes da Cunha a literatura infantil teria surgido a partir do momento em que os ideais burgueses atingem seu ápice no século XVIII. Nesse período não existia um espaço reservado à infância, pois nos livros infantis sua forma de ver o mundo, desta forma não desempenhava nenhum fascínio ou gosto pela leitura na criança.

No que se refere ao Brasil, podemos destacar seus feitos e avanços da Literatura Infantojuvenil e, conseqüentemente, do setor editorial por apresentar certa ousadia, criatividade e senso empreendedor do editor e escritor Monteiro Lobato, que por volta dos anos de 1920 e 1930, não conformado com a estranheza e importância visto acerca das editoras do país em

relação à publicação e divulgação de livros infantis. Dessa maneira, Monteiro Lobato foi, sem dúvida, foi um divisor de águas na literatura infantil brasileira, se destacando com a publicação de sua grande obra, como aponta Sandroni (1998): Com a publicação de seu livro: *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada especialmente às crianças e jovens. (SANDRONI, 1998, p. 13).

Em carta a um amigo, Monteiro Lobato demonstra através de registros escritos e enviados, sua insatisfação propondo, assim, o seu desejo de escrever algo que as crianças gostassem.

As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se feito com arte e talento dará coisa preciosa. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. Fazenda, 8 de set. 1916. (GOIMAR 2019 apud AZEVEDO et al., 2001, p.96)

Hoje podemos destacar o fomento à leitura, passo esse que vem se consolidando como uma área de atuação de políticas públicas no Brasil. Onde suas primeiras ações federais aconteceram com o Programa Salas de Leitura, iniciadas nos anos de 1980. Permeando a criação de programas como: Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), em 1992; o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), em 1997; o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em 2006; e o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em 2012.

Ao introduzir os livros de literatura infantil na escola, podemos destacar a importância que o professor deve tratar a leitura dos alunos levando em consideração como sujeito em vida, avaliando as ações que os alunos estabelecem quando leem, ou seja considerando comportamentos leitores. Uma outra relação muito importante a ser destacada, é a ação de tornar-se um leitor proficiente, tendo consciência de seus comportamentos leitores e a partilha intencional com seus alunos, assumindo seu papel de modelo. Isso implica, também, muita observação e registro das rodas de troca de impressões e opiniões depois da leitura compartilhada ou individual. Validando a história e trajetória de leitura de cada aluno seja ela criança jovem de que tratamos neste trabalho com o livro, levando, muitas vezes, ao prazer e enriquecimento do conhecimento através da leitura. Um desafio saudável levando a criança a “viajar” na leitura através de livros que retratam o que estão estudando na sala de aula, sem o gosto do didático, mas do lúdico, do prazerosos, isto é, mostrando a relação de forma lúdica, mas nem sempre isto ocorre.

O processo da leitura se dá, portanto, com tropeços e às vezes com alegrias, mas sempre à margem da escola: sua especialidade e sua preocupação é avaliar. E, na melhor das hipóteses, durante a leitura do aluno, o professor está ocupado em criar a avaliação que dê menos chance de burlar: O menino que não leu o livro tem de ser discriminado pela prova (CUNHA, 2006; p. 53).

A leitura tem de ser algo prazeroso, que nos leve à descoberta de um novo mundo e não uma obrigação, muito menos, relacionado ao didático-pedagógico. A literatura infantil vem para contribuir, decisivamente, para formar não, mas, sobretudo, um leitor crítico, capaz de se posicionar diante de sua forma de ver o mundo e de compreender esse mundo no qual vivemos. Portanto, a seguir, discutiremos sobre a leitura com mais ênfase.

Ao longo da última década, parece difícil propor uma mudança de paradigma no ensino da literatura, uma vez que, na verdade, deveria ocorrer uma mudança da escola, como disse Regina Zilberman (2016): “Na escola brasileira da sociedade de hoje, o desaparecimento da literatura é tal que se trata, ao contrário, de se pensar em que outro tipo de escola poderia vigorar a leitura literária”.

Assim, admitamos a possibilidade de introduzir mudanças dessa ordem no ensino brasileiro, que a leitura e os textos literários possam de fato serem apropriados mesmo que esses paradigmas sejam demorados e que dependam de outras transformações que possam vir a ocorrer no ensino da educação básica no nosso país, como afirma Moscovi, em suas palavras:

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. (MOSCOVI, 2009. p. 41)

Nesse sentido, o desafio aqui apontado é o de integrar os conhecimentos teóricos sobre a literatura às experiências individuais no processo de construção de sentido por meio da leitura literária. Nas palavras de Paulo Freire, nos aponta uma reflexão intrínseca onde o mesmo nos faz refletir que por mais que o professor ou educador ensine propriamente a ler, a não ser que o outro lei, o que vai demonstrar o ato e a prática leitora e a eficácia de uma boa literatura é como o sujeito lê e o seu discurso enquanto leitor.

Então a formação escolar é uma das importantes mediadoras da relação livro/leitor e se julgamos importante que essa relação seja estimulada por essa formação, além de compreender o que move um leitor é também compreender os processos pelo qual o fez chegar até aqui. E assim, a leitura passa a ser o elo com as manifestações socioculturais distantes no tempo e no espaço e, conseqüentemente a interação entre pessoas e diferentes mundos.

2.2 Leitura

No trecho que segue ao "afirmar que", os autores trazem em seus registros escritos e discursos orais que a leitura é um substantivo abstrato. Ao contrário do concreto, não nomeia um ser, mas uma qualidade ou ação. Provocando a interface entre a leitura e o ato de ler, ou resultado da ação de ler, a leitura que se faz de um livro, de uma notícia de jornal, de uma mensagem no WhatsApp etc. Compreendo a princípio o que entendemos por ler, em um sentido amplo, significa 'construir sentido'. De maneira que ler está além de decodificar, embora a decodificação seja pré-requisito para a leitura.

Ler e leitura são atividades humanas e se inserem no mundo da cultura, particularmente em uma cultura letrada. Deixando claro e objetivo para qualquer indivíduo, que ler é algo que se aprende e se estende por toda a vida. Começo por Paulo Freire. Na simplicidade de sua linguagem, como nenhum outro ainda, indica os meios para aprender a ler e conquistar os caminhos para a liberdade. Seu livro: *A Importância do Ato de Ler é fundamental: fininho*, com três artigos, um dos quais foi a pedra de toque para a elaboração deste texto. Segundo, Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2003, p. 4).

Hoje temos não apenas uma história da leitura, como também uma sociologia da leitura, uma antropologia da leitura e uma psicologia da leitura, além das áreas que tradicionalmente se ocupavam do tema como a pedagogia, a linguística e os estudiosos da literatura e da linguagem em geral. Fazendo com que o campo da leitura possua uma expansão de tal maneira que não se pode mais ter a pretensão de conhecer todas as suas ramificações.

O que podemos mencionar dentro do ambiente escolar é o modo didático e social, nesse caso, ler é um processo de extração do sentido que está no texto. Buscando alcançar dois níveis: sendo eles o nível das letras e palavras (decodificação) e o nível do significado, que é o conteúdo do texto (compreensão leitora). Nesse sentido, concordamos com Marisa Lajolo, quando ela diz:

Leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Paulo Freire, é uma forma de estar no mundo (LAJOLO, 2003, p. 7).

A aproximação entre ensino formal e leitura literária apresenta um amplo leque de práticas didáticas que coexistem:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem (CHARTIER, 1998, p. 77).

No período entre 1970 e 1980, ainda na educação básica, antigo “primário”, considerava-se como “matéria”, “conteúdo”, “aula”, “atividade escolar”, leitura. As aulas eram ministradas com uma particularidade em se tratando de leitura, e não mais como pretexto. A leitura literária é uma ação complexa e um bom livro também é o resultado de uma complexa rede de fatores, que revelam uma proposta comprometida do autor, do ilustrador e do editor. A criança e o jovem, querem histórias que possam dar contorno ao que vivem, enriquecer sua experiência, apresentar um mundo novo.

No Brasil, era comum nas salas de aula, antiga “classe” existir um espaço para exposição e acesso a livros e uma biblioteca física com mesas e cadeiras. Que possuía ótimos acervos e na qual era frequentada por alunos e professores. Apresentava-se desde o início do ano, uma rotina, na qual havia um tempo destinado na sala para apregoar-se o hábito e “costume” de ler diariamente e depois não necessária atividade direcionada pela leitura.

A leitura apresenta um importante e vital como estratégia de melhoria do processo de ensino e aprendizagem; o que contribui para o desenvolvimento nos leitores de capacidades de análise crítica e síntese ao: produzir uma redação ou escrita de um texto de compreensão leitora, contar o que leram, preencher fichas ou questionário não obstante a falta de integração com essas atividades. Nada mais que refletisse aquele ato de ler. A tarefa em sua maioria era ler em seguida, realizar atividades e sentir prazer lendo. A ideia de que ler é sempre prazeroso esconde uma série de aproximações distintas com a leitura, e pode acarretar a impressão de que ler é sempre fácil - é rápido, gostoso -, quando nem sempre é assim.

Para os PCN (2001):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma

necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender essa necessidade. (BRASIL, 2001, p. 54)

Quando o professor solicitava que o aluno realizasse a leitura em voz alta na sala de aula não era considerado “enrolador” pelo fato de não está a preencher o quadro de registros e anotações, de maneira que lendo aquela “pilha” de livros se aprendia e tornava um ato de prazer, onde Uma leitura realizada com prazer desenvolve a imaginação, a escuta atenta e a linguagem das crianças.

De acordo com Alberto Manguel (1996), em uma história da leitura, esse sujeito chama a atenção para o fato de que a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Assim como o estudioso Paulo Freire (1992) em sua obra intitulada: “A importância do ato de ler”, cita que: ler e escrever são momentos inseparáveis de um processo - o da compreensão e o domínio da língua e da linguagem. Reforçando ainda mais essas duas citações anteriores. Fazem-nos refletir sobre a leitura e o que sabemos sobre ela. A começar pelo que entendemos por leitura.

Como menciona Martins (1994):

A despeito de todas as tentativas de uma visão sistemática e metódica, se nos perguntarmos o que é, o que significa a literatura para nós mesmos, certamente cada um chegará a uma resposta diferenciada. Isso porque se trata, inicialmente, de uma experiência individual cujos limites não estão demarcados pelo tempo em que nos detemos nos sinais ou pelo espaço ocupado por eles. Acentue-se que, por sinal, entende-se aqui qualquer tipo de expressão formal ou simbólica, configurada pelas mais diversas linguagens. (MARTINS, 1994, p. 32)

Podemos mencionar que concerne ao exercício que a mente nos remete obviamente em alguém lendo jornal, revista e o mais comum entre todos a leitura de livros. De maneira que ao respondermos o que faz uma pessoa gostar e ter o hábito de ler? Trata-se de viver lendo, e o ato de ler está usualmente relacionado com a escrita. E o leitor é visto como decodificador de signos.

Entre os tópicos dignos de reflexão propostos pela educadora Ligia Cademartori, destacamos o que é tornar-se leitor:

Tornar-se leitor é processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas. É preciso saber que não necessariamente um estágio leva a outro. Precisamos assumir também, por embaraçoso que isso seja, que há professores que são como a Sra. Watts. Eles tentam, mas não conseguem ser leitores. O que não impede alguns deles de se empenharem honestamente na divulgação do livro entre outros alunos e a trabalharem de modo a favorecer a outros melhor experiência de leitura que aquela que tiveram (CADEMARTORI, 2009, p. 24).

A leitura propicia ao leitor, percursos em diversos estágios e diferentes maneiras de se rever no processo de formação, mergulhando no conhecer e despertar para com ele antes não imaginado ou alcançado nos diferentes processos por ele (o indivíduo) vivenciado. Essa formação não ocorre somente de forma única, mecânica, direta. Também não ocorre para determinado indivíduo uma só vez. De maneira que o sentido que a leitura vem nos trazer, em uma compreensão e satisfação é a de que é algo capaz de provocar mudanças. Essa ligação efetiva entre o homem e esse objeto (o texto). Tende a despertar e manter uma ambiguidade que evidencia a curiosidade se transformando em necessidade. Onde esse esforço servirá para alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê.

Certamente passamos a organizar os conhecimentos, experiências e práticas adquiridas, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela – de maneira que estamos procedendo leituras, as quais nos habilita a ler tudo e qualquer coisa, salvo a depender de sua natureza ou graves distúrbios de caráter patológico. Na verdade, o leitor antecede a descoberta do significado das palavras escritas a organizar os conhecimentos adquiridos, partindo das situações e vivências mais elementares e individuais até a mais interlocutora do seu mundo pessoal e o universo sociocultural. Para De Certeau (1996, p. 269): “A leitura é um lugar onde se entra e se sai à vontade. E, ao corroborar com esse autor, observamos que as escolas, muitas vezes, não deixam o pretense leitor à vontade”. Pois, entendemos também que “A leitura tem a capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações”. (DE CERTEAU, 1996, p. 265).

Nesse sentido, urge que compreendamos que essa capacidade que a leitura nos proporciona precisa, sim, ser respeitada no âmbito da educação escolar. Paulo Freire nos ensina isso muito bem, quando oportuniza quer leiamos o mundo, de acordo com a nossa própria maneira de pensar criticamente esse mundo, pelos olhos do oprimido e, nunca, pelos olhos do opressor.

A nosso ver, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura, nos aproxima da compreensão de mundo, partindo do pressuposto de uma trajetória existencial onde esse comportamento reflete na interação das condições internas e subjetivas e das externas e objetivas. Fazendo com que o conceito de leitura esteja já mencionado como um processo restrito à decifração da escrita, sua participação e capacidade sociopolítica, econômica e cultural. Esse aprendizado antes baseado em uma disciplina e um método analítico que

constituem como diz Martins (1994): primeiro, decorar o alfabeto, depois, soletrar, por fim, decodificar palavras isoladas, frases, até chegar a textos contínuos.

Apesar de mudanças e ressignificações virem ocorrendo. E novos modelos sendo instituídos na prática e alternâncias consideráveis que permeiam a civilização. Não foi abolido superar essa prática formalista e mecânica, no tocante a compreender que nenhuma metodologia avançada ou não, deveria proporcionar a formação e existência substancial de leitores.

Mas ampliar a noção de leitura pressupõe na caracterização e na participação do leitor, na busca de uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade formativa de decifrar signos, mas sim da capacidade de dar sentido ao conhecimento sistemático da língua. Essa compreensão fica claro, que a leitura vai além do texto.

Seja qual for sua espécie ou formato os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, no tópico Prática de leitura, apresenta a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. (PCN 2001, p. 53)

A leitura leva o sujeito a ser protagonista no seu processo de desenvolvimento. A BNCC direciona o docente a ser mediador no processo de aperfeiçoamento do protagonismo do discente, não apenas, no âmbito escolar, como na vida em sociedade, ou seja, o discente passa a ser responsável pelo seu desenvolvimento cognitivo.

Os indivíduos que convivem com leitores ativos ou mesmo passam a ter influência plausível em seu desempenho na leitura, demonstra certa destreza e compreensão no ato de ler. Nesse sentido a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Essa interlocução, torna-se referencial em um dado tempo e espaço, uma situação.

Despertando um interesse plausível quanto a função de expectativas e necessidades, do prazer das novas descobertas e autoconhecimento de sua vivência enquanto leitor. Também no redirecionamento da intermediação de outro(s) leitor(es). Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se da antecipação, realizada através do diálogo com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, respectivamente a tudo que remete à leitura. Levando-o à segunda etapa do processo de leitura que corresponde a decifração dos códigos, tendo eles decifrado vem em seguida a interpretação.

Nos quais essas etapas são provenientes das interferências feitas pelo interlocutor, levando o leitor a entretecer as palavras com o conhecimento que tem do mundo. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto.

Simultaneamente, esse sentido tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor. Um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Nesse contexto, Cosson (2019) vem acrescentar que: com a interpretação se fecha o ciclo primeiro e imediato da leitura, isto é, o processo de leitura completa seu primeiro estágio quando cumprimos essas três etapas.

Importa, antecipadamente, voltarmos “os olhos” para a leitura como instrumento libertador é possível a decifração de todos, não simplesmente pelos letrados. Podemos evidenciar, como apontamos anteriormente para o papel do educador, tratando de sua lição como o do especialista em educação ou do professor, mas como de um indivíduo letrado que domina algo e se propõe a ensiná-lo a alguém, de sobre maneira ou nomeando, como um mediador de leituras.

Embora, no presente contexto vivenciados atualmente, ler bem, depende muito de nós mesmos, das condições reais de existência, relevância mais do que poder ou querer onde essas indagações nos fazem acreditar que o professor é preceptor do conhecimento.

No mercado bibliotecário existem livros paradidáticos, publicações infantojuvenis, dentre outros. Em diferentes esferas textuais como: os informativos e os literários. Que podem ser utilizados em sala de aula por abordarem temas como: Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo e Sexualidade. A escola, necessita de espaços para todos, em busca de uma prática leitora, pois é importante que esse público tenha acesso a todas essas temáticas e ao livro em mãos. Entretanto, possuem propósitos distintos. Que será proposto pelo professor ou regente para cada momento de leitura.

2.3 Educação Escolar e Ensino Remoto

Quem nunca ouviu essa afirmação: “A biblioteca da escola era o lugar que oportunizou, aos alunos de classes menos favorecida, um contato com os livros”, embora apregoassem que a ideia da classe dominante fosse a de não tornar os indivíduos pessoas críticas e participativas nas decisões excludentes da sociedade ou até mesmo pouco importaria esse acesso e que tipo de cidadão a escola estava moldando. A escola cumpre com o seu papel de facilitadora do conhecimento, ante uma sociedade injusta quanto ao acesso aos recursos literários multimodais.

Concordamos que: “A escola é o *locus* fundamental para a democratização do acesso à cultura e, portanto, para a diminuição da desigualdade social”. (CARVALHO, 2018)

A escola, que até então se destinava apenas às camadas socialmente favorecidas, foi, dessa forma, conquistada pelas camadas populares. Vindo a sofrer inúmeras transformações ao longo de sua existência e que paradoxalmente, continua resistindo ao tempo, dia a dia, vem sendo questionada sobre sua adequação aos padrões de ensino exigidos pela atualidade, mas ao mesmo tempo é retentora da grande maioria das escolas do nosso país.

Assim, a escola não se organizou diante dessas transformações que nela vêm ocorrendo; contudo, o fracasso dos alunos é, na verdade, um fracasso da instituição escolar. E por sua vez, o que a escola comprometida com a luta contra as desigualdades pode fazer é vitalizar e direcionar adequadamente. Garantindo às camadas populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades para a participação no processo de transformação social.

O desafio que se coloca reside na forma de se integrarem os conhecimentos teóricos e sociocultural fundamentais quanto a escolarização para todos:

Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática. (SAVIANI, 1991, p.54)

Saviani (1991) mostra, porém, o caráter científico do ensino tradicional em suas origens e que se estruturou através de um método pedagógico, que é o método expositivo, que todos conhecem, todos passaram por ele, e muitos estão passando ainda.

Certamente, cabe a essa prática pedagógica grande parte da responsabilidade pelo fracasso das camadas populares na escola. Pense-se, por exemplo, que nas últimas quatro décadas, tem havido uma intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica ferrenha às práticas escolares de (não) leituras literárias.

Nesse contexto, o papel das escolas e dos professores, sobretudo na contemporaneidade, continua sendo fundamental para que essa realidade, depositada nas mãos de todas as responsáveis, aconteça.

De acordo com os PCN (2001, p.54): A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino. Para que esta se constitua em um objeto de aprendizagem é necessário que tenha sentido para o aluno. A educação escolar é um direito de todo cidadão garantido por

lei, fazendo parte de um conjunto de direitos sociais, que têm reflexo no valor da igualdade entre as pessoas.

No ano de 1988 no Brasil, foi promulgada a Constituição Federal, que determina a obrigatoriedade de ofertar educação gratuita a todos os brasileiros. Antes essa educação era tida com assistencialismo aqueles que não tinham como pagar. Após este ano foi decretado que todos deveriam ter direito à educação.

Art. 205. A educação, direito e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

O Art. 208, discorda:

O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:
 III. atendimento especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
 IV. atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade.

Já o Art. 213 descreve o apoio financeiro à educação.

Os recursos públicos serão destinados às escolas podendo ser dirigidas a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:
 I. comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação.

Depois da Constituição Federal, o Brasil no ano de 1996 aprovou a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Escolar (LDBEN). Esta lei rege todo o processo educativo formal de nosso país, onde vincula o mundo do trabalho e a prática social (LDB, 1996).

No Título III da LDB (1996) descreve o direito à Educação e do dever de educar, o qual veremos a seguir:

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo.

Art. 6º É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade.

Art. 7º-A Ao aluno regularmente matriculado em instituição de ensino pública ou privada, de qualquer nível, é assegurado, no exercício da liberdade de consciência e de crença, o direito de, mediante prévio e motivado requerimento, ausentar-se de

prova ou de aula marcada para dia em que, segundo os preceitos de sua religião, seja vedado o exercício de tais atividades, devendo-se lhe atribuir, a critério da instituição e sem custos para o aluno, uma das seguintes prestações alternativas, nos termos do inciso VIII do caput do art. 5º da Constituição Federal.

A Educação não é só uma obrigatoriedade, mas é um dever e direito de cada cidadão. Apesar dos recentes planos de contingência decorrentes de crises financeiras nos estados e do surto da pandemia provocada pelo COVID-19 esse direito a educação foi mantido e a educação passou por um novo processo.

Tendo em vista que ao final do ano de 2019, entramos em sinal de alerta sanitário em consequência da descoberta de um novo vírus, cuja incidência inicial ocorreu na cidade de Wuhan, na China. Tal vírus, nomeado Covid-19, rapidamente se espalhou pela Europa e o advento de novos casos no Brasil adveio, de forma mais prevalente, a partir do mês de março de 2020, acarretando impacto por seu grande poder de transmissão e pela elevada taxa de mortalidade.

Durante esse período em que ocorria o agravamento e disseminação da doença causada pelo vírus, ganharam terreno no nosso país medidas para incentivar alguns cuidados de higiene, como lavagem frequente das mãos e uso de álcool em gel, bem como para propor distanciamento social visando conter o avanço da doença. Além disso, locais que geram aglomeração de pessoas foram rapidamente orientados a restringirem ou cancelarem suas atividades, sendo que as escolas e universidades forma alguns dos primeiros espaços a seguirem essa orientação, demonstrando preocupação com o cuidado de si e dos outros. Com a impossibilidades de habitas esse tradicionais estabelecimentos de ensino, vislumbrou-se o desafio de refletir sobre outros modos de estruturar os processos de ensino, a fim de promovê-lo efetivamente, assim como de aprender em espaços domiciliares, diferentemente do ambiente escolar e acadêmico.

Com o avanço e a propagação da Covid-19 para todas as regiões do planeta e a inexistência inicial de uma vacina ou de qualquer medicamento antiviral específico e cientificamente comprovado capazes de, ao mesmo tempo, prevenir e tratar a doença levaram à prática de quarentenas e *lockdowns* em vários países. Essas medidas extremas visavam garantir o distanciamento social e assim diminuir os níveis de contágio. A principal preocupação de governos do mundo inteiro era evitar o colapso dos sistemas de saúde de seus países, que poderia ocorrer se o número de doentes necessitando de internação fosse maior que os de leitos disponíveis nas unidades hospitalares.

Inicialmente, problematizamos uma falsa dicotomia entre ensino presencial e EaD, ou ensino remoto, para apoiarmos que não é a forma de ensino – seja ela presencial ou a distância/remoto – que garante à proposta didático-pedagógico o efeito de troca, relação e construção de aprendizagens, mas, sim, os modelos teóricos conceituais que sustentam tais formas.

Posto em um segundo momento, apresentamos recortes de narrativas colhidas em relatos orais e mídias acerca dos modos de vivência do ensino remoto por professores durante o momento em que se encontrava todos os países face as medidas preventivas decorrente da Covid-19. Em conclusão, reunimos em síntese elementos para pensar o fazer do professor no âmbito do ensino remoto, além de lançarmos outros questionamentos necessários de serem abordados em trabalhos futuros.

Em 2020, o atual presidente Jair Messias Bolsonaro publicou a medida provisória nº 934, do dia 1º de abril, que visa a quantidade de dias letivos para o ensino básico e superior. O que altera os artigos 24 e 31 da LDB Nº 9.394.

O ensino remoto foi implantado pelo Parecer nº 5/2020 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, aprovado em 28 de abril de 2020, que dispõe sobre a Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.

O método tradicional das aulas presenciais não pôde ter continuidade, nos deparamos com um cenário jamais imaginado e, sem poder simplesmente cancelar o ano letivo, tivemos de passar por um período de reflexão e sermos rápidos em mudar o paradigma da educação. Segundo Scuisato (2016): “a inserção de novas tecnologias nas escolas está fazendo surgir novas formas de ensino e aprendizagem; estamos todos reaprendendo a conhecer, a comunicarmos, a ensinar e a aprender, a integrar o humano e o tecnológico.”

Com esta ‘nova forma’ de ensino a escola assume um papel cada vez mais importante no processo educativo. Passando a tornar-se um espaço em que o aluno deve ter liberdade de exercer suas escolhas. Ele pode contar com a mediação de um/uma professor(a) que observa suas preferências, faz sugestões, emite opiniões, estimula trocas e dicas entre os alunos.

Cury (2002) afirma que a educação é dever de Estado, por conseguinte nascem obrigações que devem ser respeitadas tanto da parte de quem tem a responsabilidade de efetivá-las, como os poderes constituídos, quanto da colaboração vinda da parte de outros sujeitos implicados nessas obrigações.

Castro (1998) nos afirma que: a educação escolar, é constituída em bem público, de caráter próprio, por ser ela em si cidadã. E por implicar a cidadania no seu exercício consciente,

por qualificar para o mundo do trabalho, por ser gratuita e obrigatória no ensino fundamental, por ser gratuita e progressivamente obrigatória no ensino médio, por ser também a educação infantil um direito, a educação básica é dever do Estado. E como se trata de um direito juridicamente protegido, em especial como direito público subjetivo no âmbito do ensino fundamental, é preciso que ele seja garantido e cercado de todas as condições. De modo, que a LDB, o Plano Nacional de Educação e outros documentos legais buscam garantir esse direito:

A principal finalidade do processo educativo é o atendimento dos direitos e objetivos de aprendizagem previstos para cada etapa educacional que estão expressos por meio das competências previstas na BNCC e desdobradas nos currículos e propostas pedagógicas das instituições ou redes de ensino de educação básica ou pelas Diretrizes Nacionais e currículos dos cursos das instituições de educação superior e de educação profissional e tecnológica. (BRASIL, 2000. p.4)

No tópico, dois pontos, um do parecer que trata da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19, vem reafirmando o direito à educação estabelecidos em leis anteriores, e que mesmo passando por um processo doloroso, período este “Pandêmico”, a educação é um direito de todos.

Segundo Arruda e Lima (2013), o envolvimento efetivo dos pais no acompanhamento dos filhos, além de fortalecer o vínculo, beneficia e favorece a criança em seu desenvolvimento, bem como beneficia também os pais a construção da aprendizagem do seu filho e no seu desenvolvimento enquanto sujeito.

Neste contexto, os pais tiveram, de improviso, que aprender a ensinar e acompanhar os filhos, tanto no que tange ao pedagógico quanto à tecnologia, além de se adequar às aulas gravadas, vídeos chamadas ao vivo, sendo as aulas e as atividades de modo assíncrona e síncrona durante o período em que às aulas remotas estiverem acontecendo.

De acordo com todas as ocorrências e mudanças que estão sendo feitas para melhoria e alcance dos alunos. Bem como a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo desses alunos sejam alcançados. Sobreveio uma preocupação ainda maior para os profissionais da educação e sobretudo uma sobrecarrega, que faz crescer a ansiedade e o receio quanto ao futuro, por exemplo, em quando retornarão para as aulas presenciais, as incertezas quanto a continuar nas aulas remotas, modos de avaliação da aprendizagem dos alunos durante a pandemia. Além disso, a carga excessiva de trabalho imposta pelo ensino remoto tem afetado a saúde mental dos professores e isso tem contribuído diretamente na qualidade de vida destes profissionais. E por conseguinte o medo de que os objetivos e estratégias para um ensino de qualidade fique ainda

mais distante de cada indivíduo que neste momento ficou limitado as atividades pedagógicas e de interação cognitiva junto ao professor. Fazendo com que exista um déficit ainda maior no nosso sistema de ensino.

Percebemos que o trabalho pedagógico seja ele em um ambiente físico ou virtual é, pois, uma atividade que apresenta intencionalmente um elo vai garantir que o desenvolver do indivíduo possa acontecer junto a escola, possibilitando as relações de aprendizagens entre sujeitos, orientadas pela ética profissional; é aquele que se consegue por meio de atividades voltadas para produção de ideias, de concepções, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades. A educação é algo tão abrangente quanto as relações humanas, pois ela ocorre “em casa, na rua, na igreja ou na escola”. Educação não é um ponto de chegada, mas um processo.

3 METODOLOGIA

O processo metodológico nos leva a encontrar o meio em que nos guia durante todo o projeto de pesquisa, dizendo como proceder e em que caminho seguir. Com o intuito de organizar os passos percorridos para a realização deste trabalho, a metodologia (do Latim METHODUS, “maneira de ir ou de ensinar”, do Grego METHODOS, “investigação científica”) propõe-se um guia sobre o tipo de pesquisa que abordamos, os sujeitos participantes e o lugar que atuamos; este é também um caminho que associa teoria e prática. O objetivo deste capítulo metodológico é traçar um panorama sobre a pesquisa, abordando o tipo de investigação utilizada, a coleta e tratamento dos dados, bem como apresentação dos sujeitos e do campo da pesquisa, e o caminho seguido pela pesquisadora para a realização do trabalho. A metodologia é importante, pois contribui de forma significativa para o esclarecimento dos passos realizados durante o estudo.

É importante destacar que essa pesquisa descreve e analisa como ocorre esse processo de formação da criança como leitor de literatura, através do livro e seus diferentes recursos utilizados dentro e fora da sala de aula virtual. Para esse estudo foi proposto e realizado um estudo de caso de abordagem investigativa. Sendo acompanhadas durante esse processo as turmas referentes aos primeiros anos da educação básica (1º, 2º e 3º anos) da Escola da rede pública municipal, na cidade de Campina Grande - PB. Através de três facetas, podemos verificar o seguinte desdobramento dos textos (livros) literários propostos para a leitura na sala de aula remota, as práticas de leitura na sala de aula remota e as ações desenvolvidas na sala de aula remota que contribuiriam para a formação do leitor. Para a coleta e a apreciação dos dados, foram utilizadas a revisão bibliográfica que contribuem ativamente com este estudo e a práticas de leitura propostas pelo professor(a) na sala de aula virtual, além da verificação dos documentos e a realização de entrevistas semiestruturadas.

Nas práticas de leitura observadas, destacam-se algumas estratégias e exemplos de exercícios de leitura de literatura desenvolvidos pela professora. Destacamos que a biblioteca da escola é um espaço que possibilita ao discente a disseminação de uma série de aprendizagens, dentre elas a leitura, permitindo que a prática de leitura contribua no processo de ensino e aprendizagem.

Ainda assim, outras análises feitas, diz respeito à metodologia utilizada para que as crianças fizessem uso dos livros/leitura no ensino remoto; quais os recursos que contribuem para a participação ativa na leitura, de modo que possa permitir o desenvolvimento do leitor.

Desse modo, na investigação das práticas de leitura de textos literários, observou-se que os alunos devem se identificar com o docente leitor, bem como os personagens tornando-se indivíduos ativos e sensíveis quanto ao hábito de ler. Trazendo também situações quanto às leituras realizadas pelos alunos de acordo com essa nova modalidade de ensino.

As leituras realizadas, pelos alunos, fora da sala de aula apresentam, em geral, muita dependência em relação às práticas de leitura. De maneira, que o objetivo a ser alcançado diz respeito às possibilidades de realização de leituras autônomas pelos alunos influenciadas pelas possibilidades de acesso a livros em diferentes formatos e recursos.

3.1 Contextualização da Pesquisa

Potencializando um olhar relacionado aos espaços educativos em relação aos sujeitos, buscamos uma metodologia que discutiremos a seguir.

O trabalho utilizou uma metodologia de pesquisa qualitativa exploratória, uma pesquisa bibliográfica que nos proporciona maiores informações sobre um assunto distinto. Levando o pesquisador a delimitar o objeto de estudo, definindo o seu objetivo além de formular suas hipóteses.

Esta pesquisa leva-nos a explorar nossas ideias, aprimorando os mesmos através das descobertas intuitivas. Como disse Andrade (2011, p. 59): tal pesquisa viabiliza o desenvolvimento de estudos inéditos e interessantes, sobre determinado tema. Pois possibilita uma maior familiaridade com o problema e o explicita de forma mais ampla. Unindo as pontas desta reflexão dedicada ao leitor e o seu mediador.

Um planejamento flexível torna objetivo o trabalho do pesquisador, deixando lacunas para embasar outras pesquisas. A pesquisa exploratória cobre um novo enfoque para o estudo que se pretende realizar posteriormente.

Assim, escolhemos realizar este estudo que, na verdade, trata de um aprendizado sobre comportamentos leitores e práticas de leitura, com foco na Literatura Infantil e Juvenil. Realizado em meio as aulas remotas através de um convite que continha uma breve apresentação da proposta da pesquisa e o link de acesso a entrevista via *MEET*, disponibilizado via aplicativo de mensagens privadas adicionais, como o *WhatsApp*, a partir do interesse e aceitação dos participantes. Trazendo algumas considerações teóricas que visam colaborar para sua disseminação, bem como em suas atuações pedagógicas. Assim, também descreveremos o sistema de significado de costumes de um grupo de docentes (o qual chamaremos por

pseudônimos, para não expor os mesmos) da Educação Básica durante o ensino remoto da cidade de Campina Grande – PB.

Os docentes que participaram da pesquisa fazem parte do ensino público da rede municipal de nossa cidade, ambos trabalharam com alunos do Ensino Fundamental I, em fase de alfabetização, alunos esses de classe baixa.

A pesquisa teve início com a revisão bibliográfica, em que buscamos responder os nossos questionamentos. Com base teórica, fizemos um dos seguintes autores e autoras: Andrade (2011), Cademartori (2013), Proust (1995), Maslow (1975), Zilberman (1998), Lakatos e Marconi (1986), Gransci (1999), Azevedo (2001), Cunha (2006), Brasil (1988), Brasil (1996), Brasil (2001), Manguel (1996), Freire (1992), Martins (1994), Cosson (2019), Andrade (2011), dentre outros/as, que abordam a temática de forma significativa e nos dão embasamento para discussão.

Após realizarmos a entrevista com as três docentes através de videochamadas e áudio. Partindo de um questionário semiestruturado. Podemos obter dessa etapa da pesquisa e em seguida, analisamos os dados com base nas referências estudadas. Devido a pandemia foi possível realizar as entrevistas em sua totalidade de forma online. De forma individualizada com cada entrevistada, de acordo com a permissão do uso da fala, para que houvesse uma contribuição significativa para com essa pesquisa.

Para a realização desta pesquisa utilizou-se um questionário formado por duas partes, sendo a primeira parte composta de 3 itens com a finalidade de identificar o perfil do professor; na segunda parte, quanto a atuação do professor na Educação Escolar durante o Ensino Remoto, composta por 10 questões subjetivas onde os professores foram entrevistados via MEET por chamada de vídeo ficando a vontade ao final para sugerir melhoras na pesquisa e contribuições a serem apregoadas em sua prática.

3.2 Contextualização do Ambiente Escolar e o uso de mídias e recursos tecnológicos (TICs)

Diante do contexto de ensino e ambiente escolar podemos mencionar que mediante o exposto, cabe então refletir acerca da atuação do docente no ensino de leitura. As inúmeras discussões e pesquisas sobre práticas de ensino nas práticas de leitura e hábitos de ler, evidenciam que os alunos durante o percurso escolar tem apresentado lacunas e déficit no contexto do letramento. A exemplo crianças e jovens (público-alvo desta discussão), de maneira

que no que diz respeito às competências de leitura e escrita, essa realidade e contextualização permanece em discussão, o que não deveria acontecer considerando principalmente, que:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2006, p. 11)

Na perspectiva de Freire (2006), a compreensão da vida leitora de um sujeito se dá por meio da leitura de mundo, feita através de objetos, computadores, celulares, expressões, figuras etc. O que tem emergido esse argumento é o fato que a leitura, que deveria ser entretenimento, é abordada pelos discentes como atividade escolar obrigatória e, por isso, é realizada desvinculada do prazer. Não há como negar que o conservadorismo das aulas elucidadas estão centradas no ensino da Gramática Normativa, na memorização das características de estilos de época, na decodificação dos textos tem contribuído significativamente para uma leitura de extração de informações (implícitas e explícitas). Há apreensão está ligada a forma e conteúdo mais do que a interpretação, reflexão crítica. Nas palavras do próprio Geraldini, (1994) “um martírio não só para os alunos, como também para os professores”, fugindo em sua totalidade do sentido e uso da língua concebida como atributo das interações sociais e desvinculada da comunicação real.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como procedimento de investigação, o questionário pode conter perguntas objetivas (em lacunas e por meio de alternativas apresentadas pelo pesquisador), e perguntas discursivas (nas quais o sujeito constrói as respostas com suas próprias palavras). Nas perguntas objetivas, referente questionário (descrito no apêndice), é possível observar de forma sucinta a organização das seções para a caracterização dos sujeitos de acordo com a idade, situação quanto a formação e tempo de profissão pelos educadores (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização dos sujeitos da pesquisa.

Nome Fictício	Idade	Formação	Tempo de profissão
Maria	30	Pedagoga	05
Ana	42	Pedagoga	12
Adriana	49	Pedagoga	15

Fonte: Arquivo pessoal – 2021

Após os dados serem reunidos foi possível apresentar para cada informação de acordo com a primeira parte do questionário os resultados na forma de tabelas, cuja finalidade é causar no investigador ou no público em geral, uma impressão mais rápida e viva do caso em estudo.

De maneira a contribuir com a caracterização dos entrevistados podemos perceber os seguintes resultados: a princípio pela aceitação do convite para participar da pesquisa, a maioria dos docentes são mulheres e encontram-se na faixa etária que compreende dos 30 aos 50 anos. Com relação a isso, um estudo realizado pela UNESCO (2004, p.48) salienta que a idade do professor constitui umas das marcas de sua atuação e demonstra questões relevantes no processo educativo.

Desse modo, esta pesquisa contou com a contribuição de profissionais com diferentes idades, o que corrobora a heterogeneidade da amostra deste estudo. “Do ponto de vista qualitativo, considera-se que os sujeitos interpretam as situações, concedem estratégias e mobilizam os recursos e agem em função dessas interpretações (guerra, 2016, p. 17).

Souza (2013, p. 57), nos afirma que “os docentes da educação básica no Brasil em sua maioria são pessoas com experiência de trabalho. Isso quer dizer que, mesmo com a renovação de quadros, com a ampliação na contratação, os docentes estão permanecendo mais tempo na profissão”, tendo em vista as últimas mudanças ocorridas quanto à reforma da previdência, que

teria dificultado e mantido o professor mais tempo em sala de aula, tornando sua aposentadoria tardia, nos dias atuais.

Como verificado na Tabela 2, foi identificado como maior número professores no ensino totalmente online, seguido por aqueles totalmente presencial e por conseguinte uma pequena parcela em ambas as situações de ensino. Embora os resultados indiquem que a maioria desse corpo docente tinha ministrado atividades no ensino remoto, a necessidade de apoio foi indicada em grande parte, além disso foram utilizados por parte dos professores estratégias para alcançar aqueles que não tem participado das atividades escolares.

Tabela 2. Situação quanto ao ensino.

Nome Fictício	Situação quanto ao ensino:	Carga horária de trabalho
Maria	Totalmente online	40 horas semanais
Ana	Ambos	40 horas semanais
Adriana	Totalmente online	40 horas semanais

Fonte: Arquivo pessoal - 2021

Por outro lado, o ensino remoto não pode ser considerado uma modalidade educativa, mas sim, uma ação pedagógica, na qual se processa certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais, predominantemente, ou pela proposição de apostilas e materiais impressos remetidos aos alunos.

Além de a flexibilização ser comum na rotina de trabalho do professor, outro fenômeno crescente nos últimos anos é a intensificação do seu trabalho, isto é, a ampliação no número de aulas lecionadas, turmas, períodos de trabalho, escolas e, conseqüentemente, o aumento na quantidade de alunos os quais o docente necessita atender diariamente.

De acordo com a Tabela 2, a quantidade de horas de trabalho semanal do professor, atinge a carga horária máxima de 40 horas permitida pela Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008 (Brasil, 2008), mas não constitui obrigatoriedade adotá-la.

Kuenzer e Caldas (2009, p. 35) destacam que a intensificação do trabalho docente interfere de tal modo na vida do profissional, a ponto deste “[...] não ter tempo sequer para ir ao banheiro, tomar uma xícara de café, até uma falta total de tempo para conservar-se em dia com sua área”. Segundo as autoras, dois motivos que impulsionam a intensificação do trabalho são os baixos salários e a possibilidade, proporcionada pela legislação, dos docentes acumularem cargos em duas ou mais escolas.

Os resultados das questões discursivas foram organizados a partir da Análise de Conteúdo. Bardin (2011) assevera que a codificação se efetiva a partir de regras precisas ao considerar os dados brutos do texto, que, por recorte, agregação e enumeração, permitem atingir uma representação do conteúdo.

No segundo bloco do questionário, utilizamos as perguntas subjetivas que possibilitaram aos sujeitos da pesquisa traçarem seus conhecimentos, expectativas e opiniões sobre o tema pesquisado: a interface entre a Literatura Infantojuvenil e a Leitura no ensino remoto. O bloco 2, composto de 10 perguntas, versa sobre a importância da leitura de literatura Infantojuvenil no ensino remoto, como veremos nas tabelas a seguir:

Para proteger a identidade das professoras, e seguir os princípios éticos de proteção dos sujeitos colaboradores, as nomeamos com nomes fictícios, a saber: Maria, Ana e Adriana.

Em relação à proteção da identidade dos sujeitos na pesquisa, Bogdan e Biklen (1994, p. 77), nos apresentam quatro princípios éticos gerais “a) a proteção da identidade dos sujeitos; b) o trato respeitoso que o pesquisador deve ter com os sujeitos; c) a clareza dos termos de acordo para participação na pesquisa; d) a autenticidade na apresentação dos resultados.” Levando isso em consideração, as identidades delas estarão preservadas e o nome original substituído por nomes aleatórios.

A partir das entrevistas realizadas com as professoras, foi possível descrever a situação do ensino de Literatura Infantojuvenil no âmbito da educação escolar, de maneira a objetivar e sistematizar as referidas práticas de leitura nas salas de aula remotas. A primeira questão procurou compreender o que é Literatura Infantojuvenil.

Como já escrevemos antes, o ano letivo de 2020 mal começou no Brasil e as aulas presenciais foram suspensas em função da COVID-19. Aqui e em grande parte do mundo, alunos foram afastados das salas de aula. Todavia, isso não significa afastados da escola.

Observa-se que, ao focar a modalidade de ensino de suas respectivas escolas e conseqüentemente as salas de aula dos participantes, os dados apontam um maior agrupamento de professores no ensino totalmente online. O que é justificável, pois, além de serem professores de ensino público, alguns também lecionam em escolas de ensino particular. Acredita-se que seja pelo fato do momento de pandemia e as orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde) em detrimento a Covid-19, a OMS declarou o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) - o mais alto nível de alerta da organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional.

Para entender a prática e atuação dos professores em sala de aula no contexto da pandemia, buscou-se informações referente ao modelo de ensino que o professor estava atuando durante a pesquisa. Como podemos observar no quadro 1, de acordo com as respostas dos entrevistados durante a pesquisa, o ensino permeou em sua maioria no pleno exercício das aulas online.

Quadro 1. Literatura Infanto-Juvenil.

1. Para você, o que é Literatura Infanto-Juvenil?

Maria: Literatura Infanto-juvenil é aquela que leva o aluno (criança e adolescente) a trabalhar o imaginário, levando em consideração uma linguagem clara com base no senso comum.

Ana: É uma ação literária direcionada para crianças e o público infanto-juvenil.

Adriana: Ramo da literatura dedicado às crianças e pré-adolescentes.

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

É possível observar em ambas as entrevistadas a presença de um pensamento clássico sobre a definição de Literatura Infanto-Juvenil. Zilberman (2003) diz que os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII, antes disso não se escrevia para elas, porque não existia infância. Atualmente essa afirmação até surpreende, pois a infância é vista como uma fase de extrema importância para a formação do sujeito. Sobre isso ainda, Dieter Ritcher (1977) ressalta:

Na sociedade antiga, não havia a "infância": nenhum espaço separado do "mundo adulto". As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunharam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos. (RITCHER, 1977 apud ZILBERMAN, 2003, p. 36)

Nesse período, a criança não tinha uma literatura específica com características próprias. Para sua educação, partilhava a mesma literatura dos adultos. Com a literatura o professor desperta o gosto e o prazer de ler em seus alunos. Cademartori (2010) ao se referir a esse universo multifacetado que é a literatura infantil relata que:

Para quem valoriza a dimensão existencial da leitura literária, no entanto, promover, intermediar, comentar a literatura infantil é modo de oferecer aos pequenos um tipo de informação e de recorte do mundo distintos daqueles que consomem diariamente. É convite a que conheçam algo mais instigante, que a realidade simultânea captada pelas telas, e algo menos superficial, que o discurso apressado delas, e apreciem

relatos em recepção menos indiferente e ininterrupta que a que vivem diante dos canais de cartoon. (CADEMARTORI, 2010, p. 11)

A literatura infantil e juvenil produz esse efeito inebriante que faz com que as crianças e jovens se encantem e despertem o gosto pela leitura. Por isso, tanto destaque para o trabalho com a literatura, pois realmente ela pode, dependendo do enfoque dado, atrair ou afastar seus leitores.

Por último, sublinhe-se que esses elementos poderiam resultar em práticas de leitura em meio às quais fossem valorizadas a experiência e a formação de crianças e jovens na sociedade brasileira contemporânea à luz do exercício da memória. Não obstante, a obra literária não tem o compromisso de explicar o real, nem de comprovar acontecimentos. Para interpretá-los, reconstruí-los, o autor recorre à imaginação, à criatividade e à ficção. Implicando desta forma um afastamento do real.

A aprendizagem do tempo histórico, assim como a formação do leitor, não é tarefa exclusiva escolar. Trata-se de um processo que se inicia e se processa ao longo da vida, dos diversos espaços. E nesse momento podemos imaginar quantas obras, quantos autores, quantos educadores contribuíram e mantem o uso de diversificadas fontes e linguagens no processo de ensino e aprendizagem, na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

A segunda questão procurou analisar quais as principais dificuldades encontradas no início e na continuidade do ensino remoto enfrentado pelos professores (Quadro 2). Destacaram-se as afirmações dos professores associadas ao comprometimento das relações entre os envolvidos no processo educacional: professores, alunos e famílias. Dificuldades para mobilizar, alcançar a atenção e a motivação participativa de todos os alunos nas aulas on-line apareceram, recorrente, na análise dos resultados. Em seguida, também surgiram depoimentos que mostram a falta de compreensão e o despreparo das mesmas no suporte aos alunos. Brait et al. (2010) afirmam que a relação professor-aluno abrange todas as dimensões do processo ensino-aprendizagem que se desenvolve em sala de aula. Nesse sentido podemos buscar fundamentos teóricos e metodológicos que o campo de experiência em que o ensino e a prática leitora acontece, seja um dada escola ou diferentes espaços formativo. Percebe-se, pelas afirmações analisadas, desafios e prejuízos causados pelo distanciamento físico, inclusive, na relação com as famílias dos estudantes (Quadro 2).

Quadro 2. Dificuldades no Ensino Remoto.

2. Quais as principais dificuldades encontradas no início e na continuidade do ensino remoto enfrentado por você professor(a)?

Maria: No início é foi o uso da tecnologia né a gente pra se adaptar a gente poder se comunicar com a família. E dando continuidade à dificuldade é a continuação da comunicação com a família. A falta de retorno às vezes também a falta de acesso à internet das famílias que dificulta muito. E também até a falta de interesse.

Ana: É não conseguir atingir a todos de forma igualitária. E ter que se adaptar ao novo modelo de ensino de forma remota, se adaptar a usar as ferramentas.

Adriana: Dificuldades encontradas no ensino remoto foi contato com os pais. Participação constante de alguns alunos não conseguir 100% da turma.

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

As entrevistadas Maria e Ana admitem a dificuldade e a falta de comunicação com a família. À medida que a residência dos estudantes virou sala de aula, distanciou-se a comunicação entre as escolas e muitas das famílias. Segundo Arruda e Lima (2013), o envolvimento afetivo dos pais no acompanhamento dos filhos, além de fortalecer o vínculo, beneficia e favorece a criança em seu desenvolvimento, bem como beneficia também os pais na construção da aprendizagem do seu filho e no seu desenvolvimento enquanto sujeito. Nesse contexto, os pais tiveram, de improviso, que aprender a ensinar e acompanhar os filhos, tanto no que tange ao pedagógico quanto à tecnologia, além de se adequar às aulas gravadas, vídeo conferências, enfim, às aulas remotas com atividades síncronas e assíncronas, nas quais o aluno recebe o material e em dado momento do dia acesse a aula de modo online.

Observa-se na opinião da entrevistada Adriana que a relação professor-aluno foi impactada com o formato das aulas presenciais para as aulas remotas.

Os professores enfrentaram neste processo de ensino remoto dificuldades não apenas por falta de matérias disponíveis para as crianças, mas para alguns professores que não tinham acesso de qualidade às tecnologias que pudessem oferecer aos seus alunos. Mesmo assim, se esforçam para darem o seu melhor. Muitas são as dificuldades enfrentadas pelos docentes ao cumprir a tarefa de ofertar e assegurar o domínio de habilidades e conhecimentos necessários à prática de uma leitura crítico-reflexiva e escrita segura. “A relação lúdica com a língua exerce função importante na introdução da criança no universo da escrita. Facilita o processo e estimula a centrar a atenção nos meios, ou seja, nas formas da língua [...]”. (CADEMARTORI, 2010, p. 59).

A terceira questão procurou identificar o que é considerado dificuldade de aprendizagem por parte das professoras entrevistadas (Quadro 3).

Quadro 3. Dificuldade de Aprendizagem.

3. Para você, o que é considerado Dificuldade de Aprendizagem?

Maria: Muitas vezes chegamos a confundir dificuldade de aprendizagem com alguns transtornos de aprendizagem. A dificuldade de aprendizagem requer do professor um processo de investigação sobre as causas que provoca no educando esta dificuldade no processo de aprendizagem, o docente tende de observar o seu aluno em todo o percurso do processo de ensino-aprendizagem, necessita conhecer o seu aluno (dentro de sala e fora da sala de aula) só assim será capaz de identificar se o aluno tem dificuldade ou se é portador de algum transtorno. Sendo o primeiro é descobrir o que causa essa dificuldade, se for o segundo encaminhar para avaliação com especialista.

Ana: É quando se leva um tempo maior. É quando se leva um tempo maior do que é considerado normal para a aprender não necessariamente vai ser uma deficiência. É uma dificuldade.

Adriana: Dificuldade de aprendizagem é aquela pessoa que não consegue assimilar os conteúdos, possui algum déficit cognitivo.

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

Para Vygotsky (1991) a aprendizagem ocorre sob níveis de desenvolvimento. Segundo o teórico, existem dois níveis de desenvolvimento: o real, que exprime o desempenho da criança ao realizar suas tarefas sem ajuda de ninguém e o potencial, aquele alcançado quando a criança recebe ajuda de alguém.

Os estudiosos nos descrevem dificuldades de aprendizagem como sendo uma dificuldade na leitura e na escrita. Para muitos especialistas essa dificuldade de aprendizagem é uma vulnerabilidade psicossocial. No setor educativo, a dificuldade de aprendizagem, igualmente como indisciplina dos alunos, vem sendo denominada "fracasso escolar". Este fenômeno atinge cerca de 50% a 70% das crianças e adolescentes encaminhados aos serviços públicos de saúde (CABRAL & SAWAYA, 2001).

A quarta questão perguntava que tipo de iniciativa relacionada à alguma ação pedagógica o mesmo havia realizado na sala de aula remota para que fosse proposto a leitura de uma Literatura Infantojuvenil. Pergunta essa que permeia nosso trabalho e nossa pesquisa (Quadro 4).

Quadro 4. Ação Pedagógica.

4. Que tipo de iniciativa relacionada à alguma ação pedagógica você realizou na sala de aula remota para que fosse proposto a leitura de uma Literatura Infanto-Juvenil?

Maria: Durante esse período foi utilizado Ebook e vídeo com orientações para realizar a leitura. Após realizar a leitura os alunos, deveriam enviar vídeos, áudios lendo ou vídeo chamada realizando a leitura, após a leitura falar a sua compreensão. Desta forma, podemos verificar a aprendizagem de nossos alunos.

Ana: Através de indicação não dá para fazer a leitura como na sala de aula, que seria coletiva ou pausada como a gente faz na presencial. Já de forma remota faço enviando PDFs com as literaturas indicadas e também envio contações de histórias em vídeo para ver se vai sanando a falta de leitura que há neles. Que às vezes tem crianças que nem o livro em casa tem, um livro de literatura.

Adriana: A ação que eu realizei na sala de aula no ensino remoto com literatura foi contações de histórias. Eu elaborei contações de histórias com as alunas da residência, elas fizeram vídeo. E esse ano eu estou utilizando um aplicativo também para fazer as contações de história de acordo com o conteúdo que eu estou trabalhando, certo?

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

Nesse quadrante, o segundo elemento mais frequente foi vídeos online. Vale salientar que a internet representa um instrumento de grande importância nas evocações, pois quanto às dificuldades encontradas no ensino remoto, a expressão internet ruim apareceu como elemento central de uso e alcance durante esse período. A utilização de vídeos online surgiu com destaque no que diz respeito a mecanismo e material essencial na interlocução entre o que o professor propunha de acordo com o seu objetivo e que também permitisse ao alcance dos alunos.

Formar leitores/escritores, vai além da prática de letramento. Não é fácil, requer tempo, perde visões e perspectivas da escola quanto aos conceitos de leitura e escrita, bem como as táticas de ensino empregadas pelo docente. Esse é um método longo que sugere constantes reflexões de todos os envolvidos, no que tange às práticas e ações.

A iniciativa está ligada diretamente com o processo metodológico selecionado pelo docente que remete diretamente, com o recebimento da proposta pelo educando. No tocante à quinta e sexta questão, as professoras responderam em uma única fala (Quadro 5). Afirmando como se deu a aceitação dos alunos quanto às propostas. Bem como a mediação das literaturas e a metodologia utilizada, acerca da leitura durante as aulas remotas. De modo a favorecer o processo ensino e aprendizagem (Quadro 5).

Quadro 5. Metodologia e Processo de Leitura de Literatura.

5. Qual a metodologia utilizada no processo de leitura durante o ensino remoto, para com o processo de ensino e aprendizagem?

6. Como o processo de leitura de literaturas foi recebido pelos alunos?

Maria: Os alunos receberam as propostas de leitura com muito carinho e curiosidade, pois tinham de gravar as mesmas, com tudo tivemos alguns que só conseguiam ler em vídeos chamadas individuais por vergonha dos colegas.

Ana: Foi recebida com dificuldades. A minha turma é de segundo ano, então o ciclo de alfabetização já é difícil presencial, imagine de forma remota.

Adriana: Sim, metodologia utilizada eu acho que já falei no outro áudio. É mas, eu utilizei um aplicativo e no ano passado as meninas utilizaram, fizeram vídeo fizeram material em casa das contações imprimiram fizeram bem direitinho. Então a metodologia foi essa assim. Usar os aplicativos que possuímos e que temos acesso. Esse ano eu tô utilizando o *InShot*, eu consigo a literatura em PDF e coloco a minha voz, aí faço a contação e mando. É isso não sei se respondi e assim a aceitação dos alunos foi muito boa os pais estão gostando muito e eles também.

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

Para Moran,

[...] o conceito de comunidade de aprendizagem implica um deslocamento do professor e do conteúdo para o grupo, que participa, se envolve, pesquisa, interage, cria, com a mediação de algum orientador. Esta situação é nova seja no presencial como no virtual. É para ela que caminhamos em todos os níveis do ensino, porque supõe um avanço teórico e metodológico. (MORAN, 2007)

Nesse sentido, o desafio é saber mediar a aprendizagem com enfoque na importância da leitura, da pesquisa e da compreensão do conteúdo, ao mesmo tempo que propicie a construção do conhecimento de modo colaborativo e comunitário em ambientes virtuais. Para Alava (2007, apud Filho 2011), “a situação de ensino será, ela mesma, mediatizada pela interação recebida e construída entre a gestão da condução do ensino próprio ao aluno e a interação do dispositivo midiático nesta gestão”.

Para o estudioso Paulo Freire a leitura é como um universo que ultrapassa a codificação de códigos.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2006, p. 11)

Desta forma os docentes têm a missão de mediar o desejo de leitura e escrita em seus discentes para que ambos compreendam que a literatura infantil faz parte do desenvolvimento e do processo educacional. Fazendo com que se posicionem e opinem de acordo com as situações vividas no seu cotidiano e expressem seus sentimentos e emoções de forma autônoma. De acordo com a quinta e sexta questão, podemos compreender que houve uma aceitação dos alunos em parte, de acordo com a fala das professoras no processo de leitura de literatura.

De maneira que nas próximas perguntas, equivalente a sétima e a oitava (Quadro 6). Foi possível compreender melhor a fala das professoras quanto ao material escolhido e de que forma elas propuseram para os alunos, que corresponde assim ao uso coletivo ou unitário de cada aluno (Quadro 6).

Quadro 6. Desenvolvimento Cognitivo e Literaturas Infanto-Juvenil.

7. O material utilizado para a leitura durante o ensino remoto favoreceu o desenvolvimento cognitivo do aluno?

8. Como se deu o processo de escolha das literaturas Infanto-Juvenil no ensino remoto?

Maria: Escolhemos o material que possibilitasse o acesso aos alunos e colaborasse no processo de ensino-aprendizagem. Os textos para os alunos foram selecionados de forma uniforme, mudando apenas o método aplicado para leitura.

Ana: Favoreceu de forma muito limitada. Geralmente eu pego o que tem de PDF por exemplo eu priorizo o conteúdo. É um conteúdo livre.

Adriana: Bom, essa outra questão eu não sei se você tá falando a respeito da leitura em si ou só na questão da literatura. Mas é no caso da literatura essa questão de fazer essas contações mostrando as imagens através de um aplicativo é interessante né. Não é como o presencial e se for relacionado a leitura em si, leitura e escrita é eu disponibilizei materiais para os alunos certo? Disponibilizei alguns materiais é e como: alfabeto móvel, cartela de alfabeto, sequência numérica então eu fiz um kit pra cada aluno disponibilizei na escola pros pais irem pegar para ajudar na leitura em casa certo utilizo fichas de leitura também não utilizei ainda porque eles estão ‘prematurados’ ainda mas tem as fichas de leitura que a gente utiliza no final.

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

A possibilidades de interação que os ambientes virtuais propiciam compõem uma metodologia que visa o despertar e a afetividade positiva do aluno, fazendo com que desperte a construção do próprio conhecimento. Como afirma Moran (2008):

a grande inclusão que precisamos na educação não é a tecnologia - embora necessária - mas a efetiva e a de valores: Inclusão afetiva: acolher os alunos, valorizá-los dar-

lhes força, esperança, entusiasmo. Alunos motivados vão mais longe, caminham com mais autonomia. A afetividade é um componente fundamental pedagógico e contribui decisivamente para o sucesso pessoal e grupal. (MORAN, 2008)

Analizamos, a partir das falas das interlocutoras, que a formação inicial de fato contribui para que o/a educador/a trabalhe bem com textos literários, e que o/a professor/a precisa realmente ser “exemplo” no quesito leitura para que seja um bom influenciador na sala de aula.

A nona questão perguntava acerca da literatura utilizada durante o ensino remoto de forma igualitária a todos os alunos (Quadro 7).

Quadro 7. Tipos de formatos de arquivos no Ensino da Literatura.

9. A literatura utilizada durante o ensino remoto foi igualitária a todos os alunos?
<p>Maria: O material que uso para leitura são livros em PDF. Alguns dizem que tem dificuldade porque não consegue baixar, mas, na minha percepção favoreceu porque eles tiveram acesso a livros que presencialmente em casa eles não teriam. E com o ensino remoto eles têm acesso a esses livros para a leitura. O processo de escolha vai de acordo com a temática do dia estudado então eu procuro uma literatura onde entre na temática da aula do dia, conteúdo do dia e já faço uma aula integrada. A gente pode usar aquela leitura a favor da aprendizagem do conteúdo. A literatura utilizada durante o ensino remoto não foi igualitária para todo mundo, foi diferenciada porque tem crianças que já conseguem ler. Eles já dominam a leitura e outros ainda não dominam a leitura. Então uns recebem um livro de acordo com o seu nível de aprendizagem, outros para outro nível.</p> <p>Ana: A literatura utilizada durante o ensino remoto não foi igualitária para todo mundo por exemplo quando eu vou trabalhar só em forma digital então só quem está no grupo pelo menos na minha tem atividades impressas e outras vai ter acesso aos áudios explicativos a literatura da mesma forma do remoto e tem também o grupo de atividades impressas então não tem como ser igual.</p> <p>Adriana: Sim, tem favorecido não só o cognitivo do aluno. No final do ano passado tivemos os resultados melhorados com a residência pedagógica com as alunas me ajudando bastante nas chamadas de vídeo. Fazemos chamadas de vídeo durante as aulas. E então, ajudou bastante, claro que teve uma ou outra criança que teve dificuldade. A gente viu avanços de alguns alunos. Mas, esse ano está melhor. Acredito que por conta de tudo que já passou as mães já estão se acostumaram com essa nova forma de estão ensinando pelo WhatsApp. Então assim tá bem melhor esse ano, a gente tá vendo que os pais estão se interessando mais. Então eu creio que daqui para o final do ano, vai ter um resultado bem melhor, certo?</p>

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

Entretanto, é possível identificar, por meio das representações sociais dos participantes que, apesar de dificuldades principalmente relacionadas à falta de estrutura e recursos ligado ao ambiente e ao ensino remoto, a escola, o professor, a família e os alunos estão realizando um papel muito importante no que diz respeito a esse novo formato de ensino e a organização de

novas estratégias como planejamento e rotina, o tempo, a conversa e o acompanhamento pedagógico, facilitando a rápida adaptação aos novos formatos de ensino em nossos dias.

A última questão, trata acerca das contribuições das entrevistadas para com a pesquisa. De forma que todos afirmaram a suma importância que essa pesquisa veio acrescentar de maneira direta através das questões aqui indagadas (Quadro 8). Fazendo com que houvesse uma reflexão sobre as dificuldades e as possibilidades de oportunizar ao docente melhorias e adequações para novas descobertas por parte da pesquisa. Também como os estudiosos têm contribuído para a melhoria do ensino e a adequação de novas práticas por parte dos professores atuantes durante o ensino remoto (Quadro 8).

Quadro 8. Contribuições dos Entrevistados.

10. Enfim, há algum interesse, de sua parte, para que essa pesquisa possa te auxiliar nessas dificuldades? Por quê?

Maria: Sim, a escolha das literaturas é feita de acordo com o conteúdo que eu tô trabalhando certo. E foi igual para todos. Foi igual para todos sim. Com certeza vai auxiliar bastante né porque toda pesquisa que venha a nos ajudar nessa nova forma de ensinar é muito interessante né então com certeza.

Ana: A interesse sim. Tudo é válido porque primeiro em uma pesquisa você vai conhecer várias realidades porque no caso você vai ter conhecimento de vários autores e uma das principais relevâncias da pesquisa que eu acho é quando ela é utilizada a empiria dela trazer a contribuição teórica para a realidade empírica.

Adriana: O resultado dessa pesquisa vai nos auxiliar de maneira que nós vamos no caso dos professores participantes, vamos ver o resultado da pesquisa e podemos entender como a literatura vem ajudar os alunos tanto na aprendizagem como também na vida. Porque as histórias tanto elas tem um ensinamento na aprendizagem como para a vida. Então com esse resultado vamos saber se nosso trabalho está sendo significativo ou não.

Fonte: Questionário realizado pela autora, 2021.

Acredita-se que, daqui para a frente, a educação escolar passará por muitas transformações e ressignificações. Nessa direção, estudos que considerem a aprendizagem e o fazer-se como ser social em tempos de pandemia, trará contribuições para um novo pensar de cada indivíduo e com isso as mudanças no ensino já se faz acontecer em relação ao conhecimento tecnológico e a aprendizagem significativa nos dias vindouros.

5 CONCLUSÃO

O trabalho está dividido em cinco partes. Na primeira parte: Introdução, que permite ao leitor ler a compreensão de como foi feita a pesquisa. Na segunda parte, apresentamos um referencial teórico sobre o sentido da iniciação literária por meio da literatura infantil e juvenil. Refletir sobre “para que servem” estes livros não é supérfluo, já que, da resposta dada, depende a orientação que configura a tarefa da mediação; o segundo capítulo aborda a atividade de mediação, isto é, como facilitar o contato entre os livros e seus destinatários nos diferentes contextos em que esse encontro ocorre, através da leitura. Na terceira parte: adentramos na metodologia, colocando em detalhes como se estruturou a pesquisa. Estabelecendo uma certa caracterização do corpus atual em que se encontra o ensino e as propostas pedagógicas, face ao ensino remoto em que se encontram os dias atuais. Em seguida, a análise dos dados e as reflexões acerca dos resultados. Por último trazemos as considerações finais, seguida das referências e apêndices. Desse modo, esperamos que a pesquisa contribua de maneira significativa como uma fonte de pesquisa para ajudar o professor a superar possíveis dificuldades em relação a utilização da Literatura Infantil e Juvenil, em práticas objetivas e atuantes quanto ao ensino e uso de literaturas impressas ou em PDF, presentes do dia a dia do professor em suas salas de aula remotas.

É com base no objetivo geral deste estudo, que foi o de refletir sobre como ocorre o ensino de literatura no contexto da Educação Escolar no Ensino Remoto numa escola da rede municipal da cidade de Campina Grande – PB, que trazemos os resultados dos questionários com os professores.

Com base nas discussões do ambiente escolar virtual o docente deve manter sua excelência de modo a ser mediador no processo de ensino-aprendizagem, buscando ser um parceiro de seu aluno de forma que o discente não estando presente fisicamente está ao seu lado para juntos desenvolver o conhecimento.

Tendo o livro como parte física de representatividade escolar, o aluno torna-se leitor de si mesmo. Vale ressaltar que o livro não é apenas impresso, temos livros digitais que durante a pandemia foi sendo cada vez mais valorizado e integrado na educação. Que é uma forma de leitura e que exige habilidades específicas do sujeito leitor também é evidente. E não falamos aqui do livro como objeto de papel: falamos de *livro* como conceito - o formato físico no qual esse objeto chega às mãos do leitor (papel, *tablet*, kindle, PC, projeção holográfica etc.) não nos parece relevante, pois não altera o conceito básico. O fato relevante aqui é um livro. Como

muito bem escreveu Ferrarezi Jr (2017, p. 17): “Livros bons, de bom conteúdo, livros instigadores, provocativos, de conteúdo profícuo, educam, informam, transforma, transforma vidas, deixam marcas indeléveis na alma”.

Com o uso de tecnologias foi possível estar próximo ao aluno. A internet ganhou o “poder” de ligar as pessoas, de estarem juntas mesmo que separadas e a escola se apropriou desta ferramenta para se fazer presente com os alunos e familiares.

A pandemia não só mudou o modo do docente ministrar suas aulas como também criou uma nova rotina no processo de ensino-aprendizagem junto à participação familiar na colaboração e na realização das atividades.

A pesquisa realizada investigou as ações que são desenvolvidas com as aulas remotas no que se refere a prática com a leitura infanto-juvenil de forma a estudar a articulação da literatura infantil e o papel da escola pública brasileira.

Com as análises dos questionamentos feitos aos docentes através de questionários verificamos que mesmo com a distância física dos alunos e professores foi possível realizar o processo de leitura com ambos. Claro que com dificuldades uma vez que nem todos os alunos tinham acesso às tecnologias digitais (acesso à internet), o que dificultou o processo. Que com a colaboração dos pais foi possível realizar o processo educativo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Luci, Carlos de. **Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo. Editora KNOWHOW, 2011.
- BRAIT, Lilian et al. **A Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino e Aprendizagem**. Itinerarius Reflectionis, Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do campus Jatáí - UFG. v. 8, n. 1, jan./jul.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea "e" do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 1, 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11738-16-julho-2008-578202-norma-pl.html>>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BRASIL, **Lei no 12.244, de 24 de maio de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 20 de jul. 2021.
- BOGDAN, C. Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos)
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes** - 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CARVALHO, Ana Carolina e BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2018.
- CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor de educação básica**. Brasília: INEP/MEC. 2018
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP. 1998.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de Fazer.** Trad. De Ephraim Ferreira Alves. Petropolis, RJ: Vozes, 1996.

GUERRA, João Henrique Lopes. **Proposta de um protocolo para estudo de caso em pesquisas qualitativas.** XXX Encontro Nacional de Engenharia da Produção. Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente. São Carlos, Brasil, 12 a 15 out. 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2011.

KUENZER, Acácia Zeneida; CALDAS, Andre. Trabalho Docente: comprometimento e desistência. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; FIDALGO, Nara Luciene Rocha (Orgs.). **A Intensificação do Trabalho Docente: Tecnologias e produtividade.** Campinas: Papirus, 2009. P. 19-48.

LAJOLO. Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 1 ed. São Paulo: Ática, 2011

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MASLOW. A. H. **Uma teoria da motivação humana.** In: BALCÃO, Y. ; CORDEIRO, L. L. (org.). O comportamento humano na empresa. Rio de Janeiro : FGV, 1975.

MORAN, J. M. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line.** Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>>. Acessado em 17/07/2021b. MUTTI, Regina M. Varini; AXT, Margarete. Para uma posição enunciativa no discurso pedagógico mediado por ambientes virtuais de aprendizagem. *Interface* (Botucatu), v. 12, n. 25, p. 347-361, jun. 2008.

MORAN, J. M. **Tendências da educação on-line no Brasil** In: RICARDO, Eleonora Jorge (Org.). *Educação Corporativa e Educação a Distância.* Rio de Janeiro: Editora Qualitymark, 2005.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Folha Informativa - COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)** Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 7 maio. 2021

SAVIANI, D. **Escola e democracia 24.** ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 18. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, A. R. **O professor da educação básica no Brasil: identidade e trabalho.** Educar em Revista, Curitiba, n. 48, p. 53-74, abr./jun. 2013.

VYGOTSKY. LSA. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes; 1991.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM PROFESSORES(AS) DE ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS DE ENSINO

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) professor (a), este questionário visa coletar a sua opinião sobre o **Ensino da Literatura com ênfase na Educação Escolar no Ensino Remoto** com professores de Ensino Fundamental I do município de Campina Grande – PB, **cujo pré-requisito para respondê-lo é que esteja atuando em sala de aula.** Trata-se de um trabalho de conclusão de curso da Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, da Universidade Estadual da Paraíba. Não é necessário se identificar ao responder o questionário. Por favor, responda apenas de acordo com sua realidade e veracidade quanto a sua prática. Agradecemos a sua participação e lembramos que ela é muito importante para o desenvolvimento deste trabalho.

Parte 1: QUESTIONÁRIO PARA CARACTERIZAÇÃO DE DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Total de entrevistados: _____

Idade: _____

Situação quanto ao ensino:

() Totalmente Presencial.

() Totalmente Online

() Ambos

Carga horária de trabalho em turma(as) nos anos iniciais do ensino fundamental:

() 30 h () 40 h outra: _____

Parte 2: QUESTIONÁRIO E CONTRIBUIÇÕES PARA COM A PESQUISA

1. Para você, o que é Literatura Infanto-Juvenil?
2. Quais as principais dificuldades encontradas no início e na continuidade do ensino remoto enfrentado por você professor(a)?
3. Para você, o que é considerado Dificuldade de Aprendizagem?
4. Que tipo de iniciativa relacionada à alguma ação pedagógica você realizou na sala de aula remota para que fosse proposto a leitura de uma Literatura Infanto-Juvenil?
5. Qual a metodologia utilizada no processo de leitura durante o ensino remoto, para com o processo de ensino e aprendizagem?
6. Como o processo de leitura de literaturas foi recebido pelos alunos?
7. O material utilizado para a leitura durante o ensino remoto favoreceu o desenvolvimento cognitivo do aluno?
8. Como se deu o processo de escolha das literaturas Infanto-Juvenil no ensino remoto?
9. A literatura utilizada durante o ensino remoto foi igualitária a todos os alunos?
10. Enfim, há algum interesse, de sua parte, para que essa pesquisa possa te auxiliar nessas dificuldades? Por quê?